

# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



### REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

### Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 33 — SABBADO, 16 DE AGOSTO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

### SUMMARY.

As minhas calças (continuação) — Telegraphia electrica — O Castigo do Senhor — Physiologia das plateas (continuação) — A se de Evora — Recepção do coronel Lake — O castello de S. Filippe em Setubal — Pobre Luiza (continuação) — Uma noite de serviço — Casa do governador do forte de Santa Luzia — N'um album — Chronica — Bibliographia. GRAVURAS — Castello de S. Filippe — Sê d'Evora — Casa do governador do forte de Santa Luzia — Telegrapho electrico — Recepção do coronel Lake

### AS MINHAS CALÇAS!

(MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA TRAPEIRA.)

Continuação.

#### SEGUNDA BORRASCÁ.

Ninguém ignora que abhorrida coisa é um baile de mascaras no theatro de S. Carlos ou na Floresta Egyptica. Os concorrentes passeiam processionalmente uma noite inteira, parando apenas algum momento para dizerem ao infeliz que não leva mascara: — Bem te conheço; és fulano! Supremo grau de espirito e de perspicacia!

Porém chega o carnaval, e que se hade fazer?

Todos vão á mascarada; vae a gente tambem.

Foi o que me succedeu, poucos dias depois da aventura que contei, quando o estrudo nos bateu á porta. Aluguei um dominó verde, e uma caraça preta, e fui-me divertir para S. Carlos.

Passei durante meia hora sem falar a pessoa alguma, nem mesmo dar muita attenção áquella semsaboria; e já me dispunha a partir para outro sitio em busca do que ali faltava, alguma agradável distração, quando esbarrei com uma pequena figura, de dominó côr de rosa, e sem querer lhe pisei um pé.

Recuei, pedindo perdão á engraçada mascara, e fiquei bastante afflicto quando vi o lindo pé que havia pisado com a minha bota de duas solas; era um pé pequenissimo, com sapatos de setim branco, orlados de côr de rosa e com laços da mesma côr, sobre meias de seda anilada.

Repeti as desculpas, cada vez mais confuso, porém a bella mascara, em vez de enfadar-se, apertou-me graciosamente a mão. . . Que mãosinha, que se uniu á minha mão grossa e callo-

sa! . . que luva de pellica branca! pequena de certo para uma creança de dez annos.

No meio do meu espanto, a mulher. . . não podia duvidar de que o fosse. . . e formosa, e muito formosa. . . a divindade desapareceu!

Foi-se-me instantaneamente a vontade de deixar o theatro; pelo menos em quanto lá estivesse o dominó rose.

Encontrei Ernesto, e dei-lhe os signaes da joven por quem estava apaixonado; porém aquelle almanak vivo de Lisboa não achou sufficiente o que lhe eu düsse a respeito das perfeições da desconhecida, para adivinhar quem ella fosse; e começava a rir-se dos meus amores por uma mascara, quando o acaso a trouxe junto de nós.

— É esta, bradei eu anciado.

— Não é pessoa conhecida, disse elle, aquillo é esposa ou amante, que vem espreitar o infiel. . . Pobre homem, se és apanhado em flagrante!

E Ernesto separou-se de mim, rindo muito.

Aquella mulher, anjo ou demonio (estyllo ultra-romantico) foi sentar-se defronte de mim. Seus olhos fascinavam-me atravez da mascara! Queria dirigir-me a ella, mas não me atrevia; como que um santo respeito me afastava d'aquella creatura, que eu phantasiava ser angelica e pura como os serafins.

Perguntei a quanto janota passou quem era aquella mulher; ninguem a conhecia, nenhum suspeitava quem fosse. Asseguravam porém, todos, que não era d'essas mulheres de facil conquista, conhecidas de toda a gente, n'esta grande aldêa denominada Lisboa.

Cada vez estava mais contente com as informações, sem me lembrar que sendo assim crescia a difficuldade de me aproximar a ella.

A historia de Eulalia nem já me passava pela lembrança. Pois a lição tinha sido de aproveitar!

Finalmente, apoz duas horas de isolamento e silencio, a bella encontrou um conhecido, apertou-lhe a mão, e conversaram. . .

Que felicidade! N'aquelle homem reconheci o meu amigo Sepulveda! ia pois saber quem era a desconhecida.

Poucos minutos depois, dirigiu-se a mim o Sepulveda, e a mascara sumiu-se entre o turbilhão dos passeantes.

— Quem é aquella mulher, Sepulveda? Gritei eu sem me lembrar do logar publico em que estava.

— Não posso dizer-t'o, porque ella m'o prohibiu, porém é tua conhecida, e. . . ama-te. . .

— Estás brincando? . . Eu conheço-a! . . . Ella ama-me! . .

— Conheceu-te pelas calças verdes de listas roxas. . .

— É verdade que as vesti distrahi-damente. . . Malditas calças. . . Não! benditas calças, que me fizeram conhecido d'aquella gentil creatura.

— Estou encartado n'um bonito officio! . . A bella encarregou-me de dizer-te que podes acompanhál-a a casa. Tem cá a sua carruagem.

— Isso agora é caçoda de mais.

— Não é; podes ir offerrecer-lhe o braço, quando quizeres, sem receio de recusa.

— Que idade tem ella?

— Vinte e um annos.

— Solteira?

— Sim.

— Formosa?

— Avaliarás com os teus olhos.

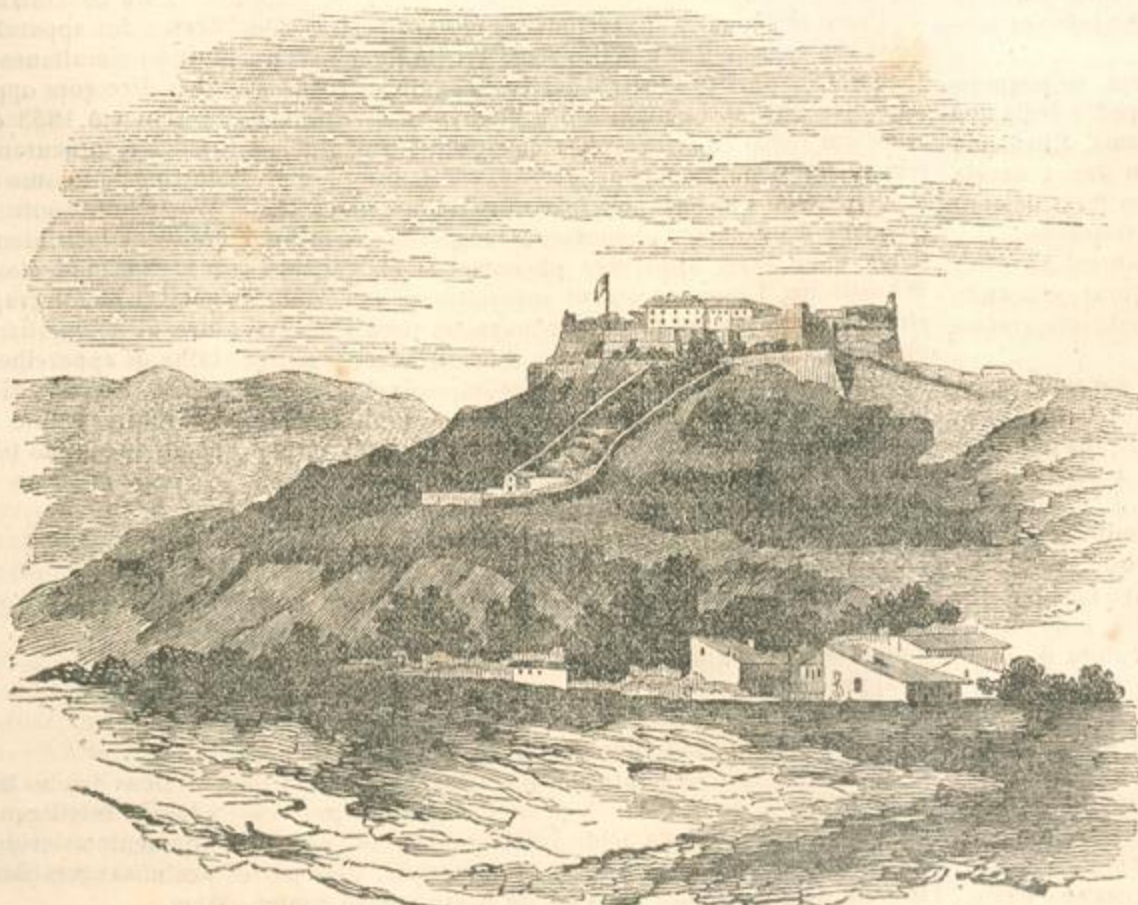
— E é sustentada por algum amante?

— Não. É rica, livre, independente.

— E o seu comportamento?

— Frequenta a melhor sociedade de Lisboa. Vae a todos os bailes, theatros e passeios do grande tom. Anda geralmente na companhia dos duques de. . . dos marqueses de. . . e dos mais afamados dandys e leões da capital.

— Não ha um homem que seja meu rival?



O castello de S. Filippe, em Setubal.



— Não.  
 — Porém tu dizes que eu a conheço?  
 — Tão bem como a mim.  
 — Ora que hasde brincar a todo o proposito!  
 — Apostemos uma boa ceia, como aquella mascara encobre um rosto teu conhecido.  
 — Está apostado.  
 — Olha que não falte o Champagne. . . . . E já vou convidar a Antonia para essa noite de prazer, que ainda talvez seja hoje mesmo.

Dizendo isto, Sepulveda virou-se para uma engraçada mulher, que trajava fato de homem com a innocente intenção de fazer sobresair d'esta forma as perfeições do seu corpo gentil. Antonia fumava um excellente charuto havano, e dava o braço a um senhor bastante gordo, com uma caraça ridiculissima, involto em amplo dominó cõr de cereja.

— Antonia, faz muito calor, acrescentou Sepulveda, dando o braço aquella filha d'Eva; vamos tomar um sorvete. . . Nós já voltamos, meu senhor.

— Olha que este senhor, é um homem serio, respondeu Antonia quasi a rir-se.

— É o mesmo. Não preciso conhecê-lo. Com sua licença.

E fazendo uma mesura ao homem roliço, arrastou consigo a Antonia, e convidou-me a acompanhá-lo.

— Tu não sabes, tornou a rapariga, quem é aquelle raíto? E desatou a rir com muito gosto. É chefe ahí não sei de que repartição; tem varias commendas de cá e de Hespanha; e apesar de ser já meio velhote e calvo, casou com uma rapariga bem bonita... Coitado! E riu com muito mais prazer ainda.

Era de feito um *homem serio*, como a rapariga dissera ha pouco... e ha tantos assim, tantós!

— E que faz a mulher? perguntou Sepulveda.

— Talvez ande ahí, só, ou acompanhada.

— Quem me dera encontrá-la. Vamos ao botequim.

— Não. Eu fico, bem sabes o que tenho a fazer.

— Sim, sim, vae namorar como homem serio.

— Como homem serio, não; Deus me livre. Como rapaz, solteiro, e que tem coração... Adeus.

E despedindo-me do alegre par, voltei ao tumulto da sala, em busca d'aquella que eu amava, havia pouco, mas com todo o ardor da paixão, e que, segundo as informações do meu amigo Sepulveda, estava disposta tambem a dar-me a maior prova d'amor.

Eis o dominó cõr de rosa!

— V. ex.<sup>a</sup> quer fazer-me a honra de apoiar-se no meu braço?

— D'aquí mais a um momento, respondeu com aquella impertinente voz de mascara: á meia noite em ponto, no salão, junto ao guarda-vento.

E afastou-se apressadamente.

Bem, só falta meia hora para estar decifrado este enigma; disse comigo mesmo; e continuei a passear estupidamente, acotovelando e sendo acotovelado a todo o momento.

Passado um instante encontrei o dominó cõr de rosa, em companhia do amigo Sepulveda.

Não gostei. Tive um vago receio, porém dissipou-se. Sepulveda era incapaz de atraí-lo-me.

Deu meia noite. Corri para o vestibulo, e já lá encontrei o meu anjo. Ofrecei-lhe de novo o braço, que d'esta vez foi accedido; uma carruagem nos esperava á porta, mas não me lembrei de reparar se tinha braço; sentámo-nos a par nos seus macios coxins, e o vehiculo rodou na direcção do Chiado.

Apeámo-nos proximo do *Marrare de polimento*, e subimos uma escada não distante do botequim. Veiu receber-nos á porta do primeiro andar um criado de casaca, e conduziu-nos para uma sala bem adornada, em cujo centro estava uma mesa com doze talheres e todos os preparos de uma esplendida refeição.

Julgo superfluo enumerar quantas vezes, no pequeno transito de S. Carlos á porta da casa, eu pedi á bella que mostrasse o rosto ou me dissesse o seu nome. Chegando á sala, e quando se retirou o criado, sem dar a devida atenção aos doze talheres, que me deviam fazer desconfiar do convite amoroso, perguntei entusiasmado:

— Então, é chegada a occasião de conhecê-la?

— É, respondeu o dominó em voz natural; e tirando a mascara, mostrou-me um rosto viril, posto que gracioso, adornado de bigode e pera!...

No mesmo momento uma estrondosa gargalhada rebentou do lado da porta, e dez patuscos e patuscas, entre os quaes o meu amigo Sepulveda, e a sua predilecta Antonia, precipitaram-se na sala com a mais cordeal alegria.

— Conhecias ou não conhecias o dominó rosa? me bradou Sepulveda, meio suffocado pelo riso.

— Pois não havia conhecer o seu amigo Guedes, que lhe contou a verdadeira historia da Eulalia, e do seu tutor; apressou-se a responder o meu cherubim de bigodes.

— Bem mystificado! acrescentei eu a rir... Deus sabe com que vontade! Já que perdi a amante, não se perca o resto... Vamos á ceia.

— Que tu perdeste, acudiu logo o Sepulveda. Poupei-te ao trabalho de a encomendares... Isto é um optimo hotel, aonde vive o nosso Guedes... O lá Francisco... Jeronymo... Tragam a ceia... muito Champagne e Porto... Que não esqueça o *ponche á romana*, para doze.

— Ó homem! tu queres-me arruinar!... Mas enfim é bem feito que pague a lição...

Malditas calças! não as torno a vestir!

.....  
 Custou-me onze moedas a conquista... Onze moedas! uma verdadeira ruina para as minhas finanças!...

Os rapazes disseram que se passou uma noite excelente!... As raparigas riram muito... e eu paguei!...

Continua.

## TELEGRAPHIA ELECTRICA.

### IV

*Telegraphos impressores.* — Tem-se feito telegraphos que imprimem os despachos, escrevendo-os com letras sobre folhas de papel; para isso caracteres d'imprensa vem collocar-se diante de tiras de papel que são moveis, e pela acção de imans artificiaes carregam sobre o papel e deixam uma impressão. Mr. Brett fez um apparelho d'este genero que imprimia vinte e duas letras por minuto. Mr. Werner Siemens, prussiano, construiu igualmente um telegrapho impressor em que as letras vão-se imprimindo por percussão com martellos.

Todos estes instrumentos são muito engenhosos, porém em geral não satisfazem ao serviço que se deve exigir d'um apparelho telegraphico; são mais dispendiosos, e deterioram-se com muita facilidade, pelo que só podem ser apresentados como objecto de curiosidade.

*Telegrapho inglez.* — Na Inglaterra, e na Allemanha empregam muito um telegrapho de mostrador cujos ponteiros são agulhas magnetisadas: a theoria d'este instrumento sendo diferente da dos outros telegraphos de mostrador o estudamos á parte.

Quando se toma uma agulha magnetisada que esteja suspensa sobre um fulcro de modo que possa mover-se livremente, e pela parte superior ou inferior d'ella se faz passar uma corrente electrica, por um fio collocado parallelamente á agulha, observa-se que a agulha se desvia da sua posição tomando uma direcção tal que crusa com a da corrente. O desvio é ou para a direita ou para a esquerda, conforme a corrente passa por cima ou por baixo da agulha.

Se em lugar de passar a corrente por um fio, disposto do modo dito, percorrer um que dê um grande numero de voltas em torno d'um caixilho no centro do qual esteja a agulha, o apparelho fica muito mais sensivel, desviando-se a agulha, mesmo quando a corrente que atravessa o fio for fraca. É n'este principio que se funda a construcção do telegrapho inglez d'agulhas.

O receptor consta de dois caixilhos em torno dos quaes está enrolado um fio de cobre coberto de seda, de modo que dê um grande numero de voltas. Entre os caixilhos ha um espaço destinado para a agulha magnetica; esta acha-se ligada pelo eixo com outra agulha igualmente magnetica que é a que se move sobre o mostrador.

O manipulador é formado apenas por um cylindro de madeira ou de marfim, que gyra em torno d'um eixo a favor d'uma manivella. Sobre elle se acham implantadas duas pequenas laminas de cobre as quaes servem a afastar quatro molas tambem de cobre. O modo de trabalhar é simples: a manivella do manipulador faz que a corrente se abra ou feche conforme a posição em que se collocam as duas peças de cobre, e a corrente vae em diverso sentido conforme as molas que funcionam. A agulha sobre o receptor desviar-se-ha ora para a direita ora para a esquerda, e o sentido e grau do desvio indicará as diferentes letras, palavras, ou phrases. A corrente é fornecida por uma pilha como nos outros telegraphos já descriptos.

Como se vê, estes apparelhos são muito simples, além d'isso são economicos e muito sensiveis, basta a mais pequena força para produzir o desvio da agulha. Os inconvenientes que apresentam são a linguagem ser limitada como em todos os telegraphos de signaes, e não deixarem vestigios do despacho.

*Apparelhos magneto-electricos.* — Assim como a electricidade dá origem a phenomenos magneticos, o magnetismo pode fazer apparecer phenomenos electricos. — Wheatstone, Lippens e outros aproveitaram as correntes electricas produzidas por fortes magnetes para a telegraphia, e construíram telegraphos de mostrador, e outros que funcionam menos mal. Parece impossivel que o uso dos telegraphos magneto-electricos não se tenha generalizado, pois apresentam bastantes vantagens, não só porque dispensam as pilhas, que são mais ou menos dispendiosas, mas porque vencem com facilidade as resistencias que se oppõem á passagem do fluido electrico; a transmissão porém é menos rapida.

Temos visto os apparelhos telegraphicos mais notaveis: digamos agora alguma coisa das pilhas ou da fonte d'onde se tira o fluido electrico que vae fazer funcionar os apparelhos.

Já dissemos que se chamava pilha a todo o apparelho que dava electricidade dinamica. Ha diversas especies de pilhas; as que se empregam nos telegraphos são a de Bunsen, ou a de Daniell. A primeira consta d'um vaso de vidro, onde se deita acido sulfurico diluido, no qual mergulha uma lamina de zinco amalgamado. Pela parte interna da lamina fica um vaso de barro poroso contendo acido nitrico no qual mergulha um parallepipedo de

carvão. Um fio de cobre se prende ao zinco e outro ao carvão e temos os dois polos da pilha. Juntando diferentes elementos, como o que acabamos de descrever, temos uma pilha mais ou menos forte.

O elemento de Daniell consta de um vaso de vidro contendo acido sulfurico e uma lamina de zinco, e d'um vaso poroso onde ha a dissolução de sulfato de cobre, e uma lamina de cobre. Vê-se que o elemento da pilha de Daniell differe do elemento da de Bunsen em ter o sulfato de cobre em vez do acido nitrico, e o cobre em lugar do carvão.

Hoje o liquido onde se mergulha o zinco é apenas agua commum, o que tem a vantagem da economia, e de poder funcionar a mesma pilha muitos mezes sem se lhe tocar.

O numero de elementos que se deve empregar está subordinado ao comprimento do fio que a electricidade deve percorrer.

A pilha de Bunsen prefere-se á de Daniell quando se quer maior força.

É desnecessario lembrar que a pilha só funciona quando os seus dois polos communicam, ou, como se costuma dizer, quando está fechado o circuito.

*Guarda-raios.* — A electricidade atmospherica pode pôr em acção os telegraphos electricos; muitas vezes os encarregados do serviço nas estações tem observado movimentos da agulha sobre o mostrador, mesmo tem tocado os despertadores e só por effeito da electricidade atmospherica. Outras vezes não é possivel fazer funcionar os apparelhos durante algumas horas; é ainda o fluido electrico do ar a causa. As vezes quando a quantidade de electricidade existente na atmosphaera é muito notavel, os fios dos electro imans se fundem, e os empregados soffrem commoções que podem ser mui graves. Diferentes meios se empregam para obviar aos inconvenientes apontados; entre elles um dos mais importantes é o emprego dos guarda-raios. Em geral os guarda-raios empregados nas linhas telegraphicas reduzem-se a um fino fio de ferro collocado dentro d'um tubo de vidro, ou isolado n'uma caixa de metal, pelo qual só passa a electricidade quando tiver forte tensão; se a passagem se executa o fio funde-se e os apparelhos nada soffrem. Além do fio empregam-se duas chapas de cobre com uma das margens dentada como uma serra, e collocadas de maneira que os bicos d'uma ficam fronteiros aos da outra. Os bicos servem para que o excesso d'electricidade se esgote por elles. Quando a tensão é grande chegam as chapas a fundir-se na margem dentada.

Ha guarda-raios dispostos d'outros modos, mas a extensão do nosso artigo não nos permite que os estudemos. O estabelecimento d'uma linha telegraphica exige ainda outros apparelhos como despertadores, bussolas, galvanometros, etc.

Os despertadores são apparelhos que servem para chamar a atenção do empregado, antes da transmissão do despacho; constam de uma campainha com seu martello, o qual por um mecanismo de relojoaria percute e produz um som mais ou menos intenso por alguns minutos. O apparelho está em communicação com o fio da linha telegraphica, e silencioso em quanto não passa a corrente electrica, porque uma alavanca obsta ao movimento da rodagem; logo que a corrente vae pelo fio a alavanca é atrahida, larga a rodagem e a campainha tocará em quanto houver corda. Este signal indica ao empregado que vae passar um despacho e aprompta-se a recebê-lo tirando o despertador do circuito em quanto o despacho se passar, e tornando-o a fazer entrar logo que tiver acabado o despacho.

Os despertadores podem ter outras disposições, porém a que apresentamos é a mais geral.

Para concluirmos o que julgamos conveniente dizer acerca dos apparelhos, só resta dizer que se faz a transmissão simultanea de dois despachos pelo mesmo fio em duas direcções oppostas.

Foi em 1853 que mr. Gintl começou a fazer experiencias, procurando transmittir um despacho e receber outro pelo mesmo fio, ao mesmo tempo. Siemens, Halske, Wartmann e outros tem apresentado magnificos apparelhos que satisfazem perfeitamente á resolução do problema. Não pudemos deixar de fallar d'este progresso tão notavel na telegraphia, cuja realisação admirou os mais atrevidos; infelizmente não podemos apresentar em detalhe os apparelhos que se empregam, pois muitos principios theoricos são necessarios para sua intelligencia.

Não se pense que são correntes electricas que marcham ao mesmo tempo em sentidos contrarios pelo fio; a corrente é apenas uma.

J. A. DA SILVA.

## O CASTIGO DO SENHOR.

### CONTO AO SERÃO

#### I

Deus deu ao homem a variedade dos pensamentos, e a luz da intelligencia, para que podessem progredir infinitamente as evoluções sociaes, e que se erguessem sempre novas gerações sobre as cinzas das gerações que morrem.

Nos folguedos magnificos da corte adormece o cora-



ção, como se cansa e se enfastia no retiro isolado d'um campo solitário. Os brinquedos innocentes da infancia, são substituídos e censurados depois pela preconização, mais ou menos orgulhosa, que do seu throno d'esperanças solta a adolescencia para o futuro.

Mas moldurada essa romantica pintura de sonhos, nos conhecimentos do mundo, a libertinagem que segue quasi sempre os annos do fogo e do amor, essa idade em que as paixões pulam com o sangue; o homem cae então das phantasias, na verdade, e chora pelos dias de creança, como chorou n'essa epoca para poder chamar-se homem.

Passam como n'um panorama, visível sempre, todas as scenas innocentes de que fomos um ornamento aos olhos d'um pae, ou d'uma mãe; lembram-nos esses mil segredos de familia, tão appetecidos agora; voam na imaginação essas formosas tardes do estio, em que a atmosphera abafada começa a ceder lugar á aragem embalsamada dos perfumes do jardim; em que a leitura dos livros santos nos fazia pasmar diante das doutrinas sublimes do Deus que perdoava; e parece-nos ouvir ainda ao longe uma cantiga popular que nos encanta, sem que saibamos porque—e dizemos nos depois, que era aquella a trova que nos cantavam sobre o berço.

Lembram-nos essas noites medonhas de mysterio e terror em que o mundo estremece á voz da tempestade, como se ouvira a voz de Deus; e quando nós então em volta do fogo que arde no lar, escutamos attentamente os contos de fadas e duendes; e choramos sentidos pelas pobres damas e cavalleiros tão barbaramente tratados pela sorte.

Era por uma noite d'inverno que, sentados em redor d'um fogo vivo, ouvi contar a historia do —Castigo do Senhor— desde esse momento jurei contal-a ao mundo, e é o que vou fazer agora.

Uma boa mulher lá das bandas da alta Beira tinha chegado a casa de meu pae, e no centro da nossa familia acariciava as creanças innocentes, que lhe saltavam em torno: eu que teria então 10 annos, perguntei-lhe—se por aquellas terras arredadas haviam estas historias de castellos roqueiros, com subterraneos, e salteadores, e damas fieis, e destemidos campeões, que vão morrer por aquellas que devem ser um dia suas mulheres?!

Bertha, era o nome da que eu julgara n'essa epoca vinda de Spitzberg ou do cabo de Horn, disse-me que não sabia d'esses contos de maravilhas, e que não sabia senão uma historia verdadeira e triste, que seu pae lhe contara, do mesmo modo que ella a ia repetir agora.

Chegámo-nos todos ao redor da boa mulher, e ella começou em pouco.

#### HISTORIA DO CASTIGO DO SENHOR.

Haverá trinta ou quarenta annos, que nem ella já sabia o tempo fixo em que tivera logar o que vamos narrar agora: que quem passasse a pouco mais d'um quarto de legua da cidade de Leiria, enranhando-se um pouco á direita, por entre os arvoredos, que pouco a pouco tem sido cortados, e que tão inspiradamente foram semeados por el-rei D. Diniz, para facilitar a D. Manuel os madeiros preciosos, que deveriam levar Vasco da Gama aos mares da India; que quem por ali seguisse estrada veria a pouca distancia do caminho uma casa de apparencia senhorial, d'esses restos monumentaes, que ainda hoje por ali se topam, e que são reliquias dos romanos, dos godos, e dos arabes, que o passado nos tem guardado, sem que o tempo deixe de roubar cada instante uma areia, para provar o seu poder; mas quem olhasse para a casa solitaria, dil-a-hia abandonada. Nós porém não devemos, dizia Bertha, soffrer as duvidas que soffriam quasi todos n'essa epoca; e ainda mais os proximos visinhos; porque havia tambem quem dissesse que uma quadrinha de salteadores e assassinos, que infestava as boas terras de Portugal, era lá pelos esconderijos do palacio maldito que encontrava guarida e protecção; e então vamos, entremos vagarosamente, não pela porta principal, mas vamos a cincoenta passos de distancia, procuremos cautelosamente na encosta pedregosa d'esse monte, e no sitio em que dois rochedos maiores se encostam, e se protegem, afastemos as plantas que se debruçam por sobre as pedras, e acharemos sem difficuldade uma cavidade de que o fundo se não avista, e para que a descida é facil; entremos; a escuridão é grande, mas não completa; depois de pouco andar um lampião preso na parede subterranea liga o caminho, e lá no fundo ha uma escada larga que sobe para o nivel da planicie, para uma das salas interiores da casa isolada; é ali que vamos demorar-nos, ouvindo a multidão d'homens que ali se encontram.

Seriam talvez cincoenta que se agrupavam aos tres e aos quatro, ou que sentados solitarios pareciam meditar, ou que emfim se sentavam em roda d'uma grande mesa, em cujo topo estava, ao que parecia, o cabeça d'essa gente.

A sala era espaçosa; nos frizos doirados carcomidos divisava-se a prova d'antiga opulencia, as pinturas das paredes estavam quasi apagadas e denegridas, mas inda se viam as chammas em que ardera Troya, e a alta janella de que Dido vira fugir o seu ingrato amante, e as tropas de Eneas e de Turno assombrando os fundos dos diferentes quadros; esta sala rodeada de portas, não tinha uma só fresta por onde podesse entrar um raio do sol.

As cortinas de seda de Damasco desbotada, que cobriam

a mesa, corroboravam ainda o que ali tinha havido de grande, e de sumptuoso; mas contrastavam-lhe em extremo os bancos ordinarios, e quasi novos que rodeavam a mesa. Os trophéos estavam pendentes das ombreiras das portas, e um escudo grande e rico, e que pela facha que o atravessava parecia denotar a bastardia do que fóra senhor de taes dominios, occupava o topo da porta principal.

Ao lado do chefe, que na cabeceira da mesa, e com a frente encostada ao punho apresentava um rosto carregado, sem que se podesse bem conhecer se era de raiva ou de pesar, estava um mancebo que teria talvez vinte e cinco annos, alto e robusto, e de cujo cinto pendiam duas pistolas, ornato que de quasi todos os convivas era adorno fiel; foi elle que fallou, dirigindo-se ao que era como rei.

—Olhae, disse elle, não é possível lutar com o destino, é forçoso deixar, ainda que seja por algum tempo sómente, esta casa que de tanto abrigo nos tem servido, contra o mundo que nos expulsou, e de quem nos estamos vingando: as tropas da rainha podem d'um para outro momento cair sobre nós, e depois...

—Depois? acrescentou um que de perto o escutara. Peior do que ficar sem asylo nem protecção, peior do que andarmos como vagabundos pelas serras e montanhas, peior do que não ter um amigo a quem apertemos a mão, peior do que tudo isso, é que prenderão o ultimo elo da nossa cadeia de soffrimento ao primeiro degrau do cadafalso.

—Não! bradou o chefe pondo-se em pé rapidamente, e como se uma força desconhecida o fizera erguer; eu inda sou o Castigo do Senhor, esse nome que os povos me tem dado quasi sem que me conheçam, essa especie de maravilha que tem ligado ao meu nome hade salvar-nos ainda. A nossa reunião é a nossa força. As ondas potentes do oceano, separadas, cada uma d'ellas nada vale; assim somos nós. Vós, continuava elle, tendo já em redor de si todos os companheiros, inda sois os meus amigos, inda sois a cohorte de sangue, a nossa divisa inda é morte e destruição; se nos competir a derrota vender-lhe-hemos cara a victoria, o Castigo do Senhor inda vos aperta a mão.

E todos os que o rodeavam se lhe acercaram e quizeram ter a honra de apertar nas suas a mão do seu chefe; unicamente o que primeiro fallara se tinha arredado e encostado ás costas da cadeira, contrahindo a fronte altiva, como descrendo do que tão corajosamente, ainda que no crime, disseram os seus companheiros.

—Porque motivo te afastas, meu amigo? dizia o Castigo do Senhor, dando alguns passos em direitura ao que chamava seu amigo; porventura descrees?

—Muito, muito.

Um pensamento de receio se lhe revolvia na imaginação; se era de justiça receiar, ou se unicamente um terror infundado accommettia o espirito do mancebo, ninguém o poderia dizer no presente; só poderia dizel-o aos homens o futuro, e sabel-o então o Arbitro do mundo.

—Tu, o Filho da Tormenta, o mais destemido em nossas correrias, disse uma voz d'entre a multidão, tu parece que tremes com medo?!

—É possível; continuava o Filho da Tormenta, pois que já sabemos o seu nome de guerra; é possível; todavia não o creio, antes julgo sómente um presentimento, se lhe não queires chamar a mais razoavel prudencia. É certo que somos bastantes para debandar um punhado de montanhezes, para destruir alguns viandantes, mas somos nada contra a menor phalange da rainha; Paulo, que veio hontem da cidade de Lisboa, ouviu que em toda a parte se fallava da nossa proxima destruição, porque em pouco se saberia onde nos occultavamos; d'um instante ao outro podem descobrir-nos. Não seria pois melhor abandonar este paiz, dividir-nos pela Europa que se agita occupada de novas idéas, e de quem a mudança é inevitavel; a revolução parece auxiliar-nos! As nossas riquezas enterradas não podem deter-nos, ou divididas podem pertencer a cada um, ou reunidas, e levando apenas quanto seja indispensavel, podem esperar o tempo em que se esqueçam de nós.

Paulo que tinha vindo de Lisboa, como dissera o Filho da Tormenta, não pensava como elle, e não se demorou em dizer o que julgava.

—É verdade, amigo, confessava Paulo, tudo que dizeis; mas não será, creio eu, tão breve essa chegada; por agora esperemos, e meditemos maduramente o que nos cumpre fazer. Além d'isso, chefe, continuava elle, olhando o que se designava o Castigo do Senhor, nós não podemos esquecer que Theodoro, alcunhado hoje por nós o Filho da Tormenta, foi preso e espoliado do que levava por nós a quem chama hoje seus amigos; ha apenas tres annos que isto foi, e quem nos diz que Theodoro quer comprar a liberdade de novo, como comprou a vida pela liberdade que vendeu?

—Não o creiam, dizia Theodoro, não é o desejo de viver d'esta vida que me prende, cedi no primeiro momento ao temor, que só pode avaliar quem viu a morte gyrando-lhe em torno; mas hoje é diverso, sou tão lealmente amigo do chefe que daria por elle a vida, e por nenhum preço o deixaria.

O castigo do Senhor caía n'este momento sobre o que tivera a imprudencia de o adoptar como seu nome, a sua fronte tomou essa expressão d'angustia dos soffrimentos profundos, e que a alma não pode conter; nos olhos em

que Deus poz a sua luz divina, veiu uma lagrima, puro e santo sangue da alma, representar a agudeza do tormento, e talvez do remorso que o matava; aproximou-se do seu amigo, apertou-lhe a mão ternamente junto ao peito, e soltou um suspiro fundo e suffocado.—Ah! meu amigo, dizia elle baixo, quero fallar-te, vem, vem: esperae, meus amigos, nada temaes, vós sereis sempre valentes e bravos; a vossa vida é-me tão cara como a minha propria, acreditae a minha palavra, eu posso vingar me do mundo porque me matou inda na vida, porém jámais atraioçar os amigos que me estenderam os braços.

Nem uma voz se levantou; todos pareciam acreditar n'este homem como se fosse um propheta do Senhor: aquelles homens endurecidos no crime respeitavam ainda a autoridade, quasi soberana, que Paulino exercia sobre elles. Paulino e Theodoro atravessaram aquella sala, e iam já a desaparecer por uma das portas, quando um novo conviva entrou apressado.

—Onde está o Castigo do Senhor?

—Que lhe queres? disseram algumas vozes.

—Do palacio da encosta acaba de sair uma luzida companhia para caçar nos arredores; é D. Ramiro e sua filha, e alguns monteiros.

Paulino parou, fazendo parar o seu companheiro; o seu corpo estremeceu, como se vira um demonio d'um pesadelo medonho; empallideceu, quiz fallar e não pôde.

—E traz muitos cavalleiros? perguntou algum.

—Poucos, tornou o que chegara, a presa é boa e facil.

—Que ordenaes Paulino?

—Que esperemos, disse elle, e nada mais pôde pronunciar; e depois continuou baixo ao ouvido do Filho da Tormenta: segue-me, é preciso, ou a morte ou a vida estão imminentes sobre mim. De qual d'ellas serei eu? Meu Deus, meu Deus!

Todos olharam espantados uns para os outros.

E as cornetas e o alarido da caçada começavam a sentir-se muito ao longe.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

#### PHYSIOLOGIA DAS PLATÉAS DE LISBOA.

Continuação.

#### III

Decomposição dos elementos que formam a platéa de S. Carlos. — Sua revista analytica — Qualificações mais genericas e caracteristicas. — «O leão do Palco» visto á luz de seus proprios actos.

Entremos agora na tarefa mais difficil.

A maior difficuldade no trabalho a que nos demos não é esboçar o aspecto exterior e colectivo d'esta ou d'aquella parte do publico da capital que frequente este ou aquelle dos nossos theatros: a maior difficuldade, a verdadeira solução da analyse, está na decomposição dos elementos que constituem esse todo, na sua apreciação em separado, em lhe extremar e fazer sobresair as feições da sua physionomia e no exame das relações moraes que os obriga a figurar, ás vezes tão distinctos por indole e inspirados até por sensações e sentimentos oppostos, no mesmo quadro commum.

A empresa é espinhosa mas não impossivel.

E que o fosse?

Napoleão já disse: — Se é possível faça-se; se é impossivel, tente-se. E nós, n'este trabalho — rasga-se o falso veio da modestia — não nos julgamos menos homem que Napoleão.

Entremos pois, como D. Cleophas, agarrado á ponta da capa de Asmodeo, no recinto da platéa de S. Carlos, e sejas tu mesmo, diabo abelhudo e mettediço, espirito maligno de folgasá e sarcastica critica, que inspiraste Lesage, que despeças sobre mim a luz d'esses dois carbonculos que te chamejam sobre um nariz retorcido e pontegudo, para que eu me sinta animado de toda aquella inspiração, que é como o facho que alarga os horisontes da phantasia e alumia as veredas mais obscuras e esquivadas á observação vulgar.

No grande quadro das platéas de S. Carlos figuram logo no primeiro plano dois typos distinctos, que partem de principios e se animam de instinctos inteiramente diversos, que se olham com desdem e que quasi sempre vivem em guerra surda mas systematica: é o leão do palco e o frequentador elegante: aquelle, a encarnação estrepitosa e viva das ligações facciosas do camarim com a platéa, este o representante da etiqueta de costumes inaugurada pelas leis de salão em todos os primeiros theatros onde a moda e a polidez imperam como rainhas.

Á direita d'estes dois personagens, que se medem com os olhos e escarnecem no intimo, similhando dois rivaes que se disponham á luta, apparece, como o antigo centro da tragedia grega, sorrindo complacente e apparentando de inspirado de razão suprema, o amador dos bons tempos, individuo que conhece o theatro desde a primeira pedra do seu alicerce, que sabe de cor os gorgeios da Catallani, e que deplora que a parcialidade cega dos partidos de bastidor se queira arvorar em arbitro das questões da arte.

N'este homem está a sciencia dos factos; e não poucas vezes é escutado com deferencia. A sua palavra tem



a autoridade da tradição e a oportunidade do conselho.

Mais ao fundo, no segundo plano, e quasi que mal se deixando ver, distingue-se a razão illustrada da platéa, isto é, o verdadeiro dilettante, a intelligencia apreciadora, o homem de critica fina, aquelle que sabe da arte e a estima.

Este genero de espectadores comtudo nem sempre figura na platéa de S. Carlos.

Ao centro, em columna cerrada ou aos grupos, surge, revolta, confusa, como as figuras picarescas, tumultuarias e truanescas dos soldados dos quadros de Alberto Durer, a cohorte dos *claqueurs*, que, diga-se em honra do nosso theatro, ainda por ora é mais uma excrescencia para apoiar as burlas das empresas charlatãs do que uma classe organizada, aceite e imperativa na platéa de S. Carlos.

Por entre todos estes typos, personificações e grupos já rapidamente indicados, vêem-se varios individuos de uma gravidade contrafeita, com o jubilo alvar sorrindo-lhes á flor dos labios, dilatando-se-lhes os olhos mais para as transmutações e visualidades scenicas, do que com os ouvidos applicados ás bellezas e enlevos da melodia.

Estes são os *espectadores de boa fé*, pobre gente que vae ao theatro lyrico quando se representa a *Semiramis*, o *Roberto do Diabo*, e que lamenta que o gosto moderno tenha banido do palco *O sacrificio de Curcio*, *Djenghiz khan*, ou a *derrota da Tartaria*, *A criação do Mundo*, e outras maravilhas da choreographia classica em que os mais dificeis capitulos da historia profana e sagrada achavam uma traducção facil nos conflictos da lona e papelão graças ao poder miraculoso dos Montani e Vestris.

Eis n'um bosquejo simples os traços mais principaes das diversas individualidades que compõem o publico da nossa scena lyrica.

Passemos agora á analyse d'estes diferentes typos. Desfile primeiro o *leão do palco*.

O *leão do palco* é isto a que vulgarmente chamam um janota, na accepção menos escrupulosa da palavra.

A sua existencia passa-se, partes eguaes, entre o botequim e o theatro.

Estes dois pontos são como os polos em que gyram e para onde convergem todas as aspirações e enlevos do seu imaginar, assim como as necessidades mais reaes e instantes da sua vida.

Além e áquem d'isto, o universo acaba para elle.

O botequim é o seu aduar permanente; é a Stoa onde o vereis philosophar horas e dias inteiros, aspirando suavemente as fumaradas de uma Havana traioeira, mergulhado n'aquelle indefinivel arbo dos sentidos que tanto o aproxima do ocio chinéz; é o atheneu onde explica todas as theses humanitarias com applicação immediata ás urgencias da sua pessoa; é emfim o cyrcos em que são gladiados, com o convencimento fervoroso que denuncia as causas justas, os pontos mais arrevesados de controversia theatral.

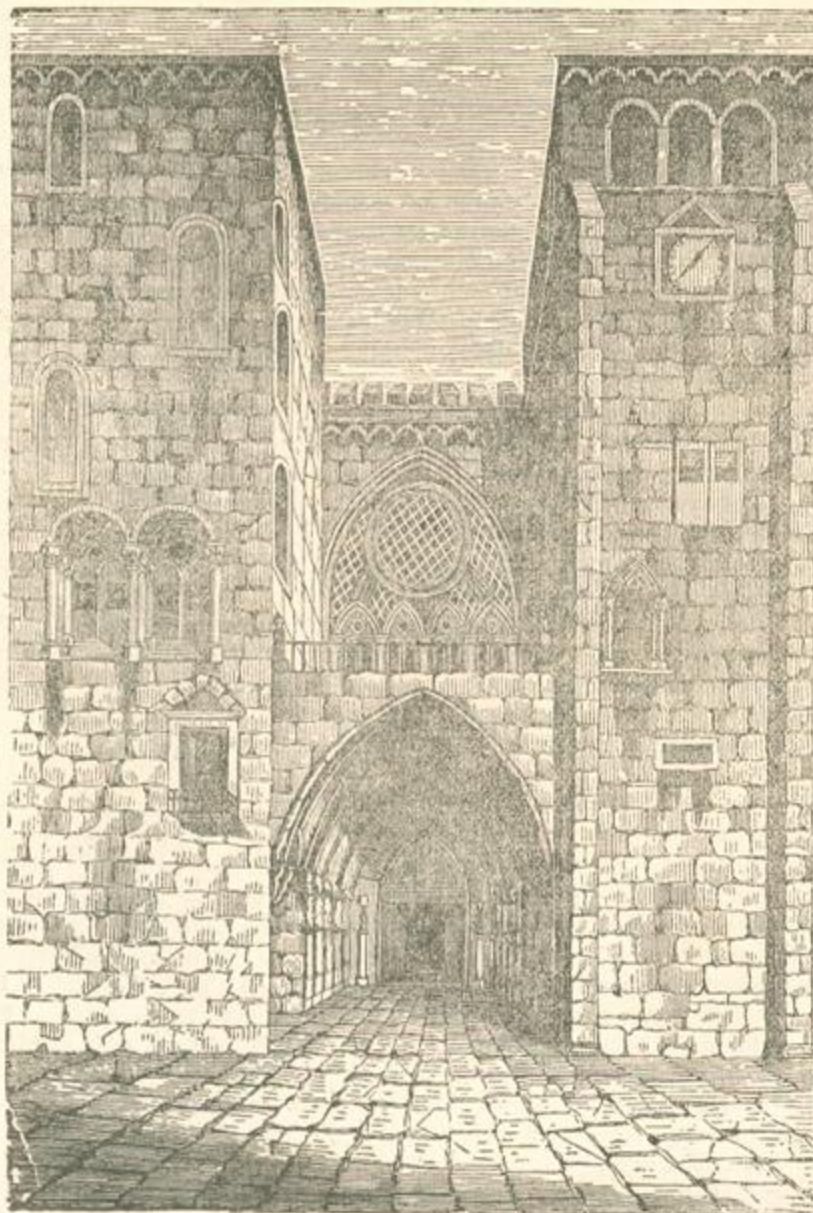
N'esses momentos solemnes, o botequim passa de laboratorio de capilés a tribunal de censura sem appellação; e o *leão do palco*, de simples bom rapaz, passa a aristarco de antes quebrar que torcer.

E n'este pretorio, assim constituido, onde mais d'um Caiphaz da harmonia pede a crucificação de um cantor inoffensivo!

As Malebrans aposentadas, as larynges apoplecticas, as Tagliores de chorina, tremem d'aquelle areopago, como qualquer de nós de um sabbato de feiteceiras.

Para aquellas almas puras, que saem da sua terra apenas com a intenção innocente de nos farpear os ouvidos com os guinchos arripiadores de uma voz esganiçada, e isto pela modica somma de quarenta ou sessenta mil francos por epoca, um logar qualquer onde se reune a mocidade frequentadora do theatro, é uma especie de caverna de Agramante, sempre prompta a vomitar maleficios contra as boas tradições da arte de canto.

Verdade é que a sentença que figurava sobre um dos porticos do jardim de Platão não está gravada, nem mesmo é conhecida, em nenhuma d'estas instancias de censura, quando passam da mera contestação debatida entre tres copos de *Champagne* a constituirem-se em tribunaes de facto na platéa de S. Carlos. A sciencia musical não é d'aquellas que mais se delucide á luz intermitente que exhala uma taça de punch em chammias, e os juizos do *leão do palco* — diga-se a verdade inteira — são muitas vezes formados, ou antes ateitados ao fogo sacro d'esta pyra de botequim. E é talvez d'esta origem escandescente que procede as mais das vezes a notavel vehemencia, a *convicção fogosa*, com que o vemos empenhar em todos



Sé d'Evora.

esses debates, que rebentam sempre por estrondosas pateadas.

Cumpra todavia fazer aqui uma especificação. A familia dos *leões do palco* divide-se em duas grandes cathogorias: o *leão do palco genuino*, que é nobre e galhardo como o leão dos desertos da Numidia; e o *leão do palco de imitação*, que tem seus pontos de contacto com o onagro da fabula que tambem se lhe mettu na cabeça cingir a pelle do rei das selvas.

N'este caso, como em todos, o imitador vae mais longe do que o modelo; do que provém a exageração, o excesso, todos os sentimentos, gestos e sensações hyperbolicos, o fastio affectado, o spleen caricato, a sobranceira ridiculamente desdenhosa, que distingue a copia do original, a imitação do modelo.

Continua.

ANDRADE FERREIRA

d'esta foi a primeira, e porventura a unica vantagem alcançada pela Russia em dois annos de campanha; cumprindo observar que não succumbiu á força de armas, mas reduzida pela fome; ainda no assalto de 29 de setembro o exercito russo tinha sido repellido com enorme perda.

O general Mourawieff resolveu-se a ganhar a cidade pela privação das subsistencias, porque do assedio e assaltos não havia tirado melhor resultado do que o general Paskewitch em 1828, pondo-lhe um sitio; verdade é que n'essa campanha caiu por fim em poder das tropas do czar; porém, então não tinha quasi que outras defesas além da sua posição e agora achava-se coberta com fortificações segundo as regras, e reductos bem collocados, obra da sciencia militar de que deu provas o coronel Lake. — Ao cabo de tudo Kars sempre tem sido sinistra para a Russia, assim como teve de a restituir em 1829, pelo tratado recente hade devovel-a á Turquia, ainda que procuram conserval-a por mais algum tempo, isto é tomando por pretexto a completa evacuação do territorio turco pelas tropas alliadas.

M.

#### O CASTELLO DE S. FILIPPE EM SETUBAL.

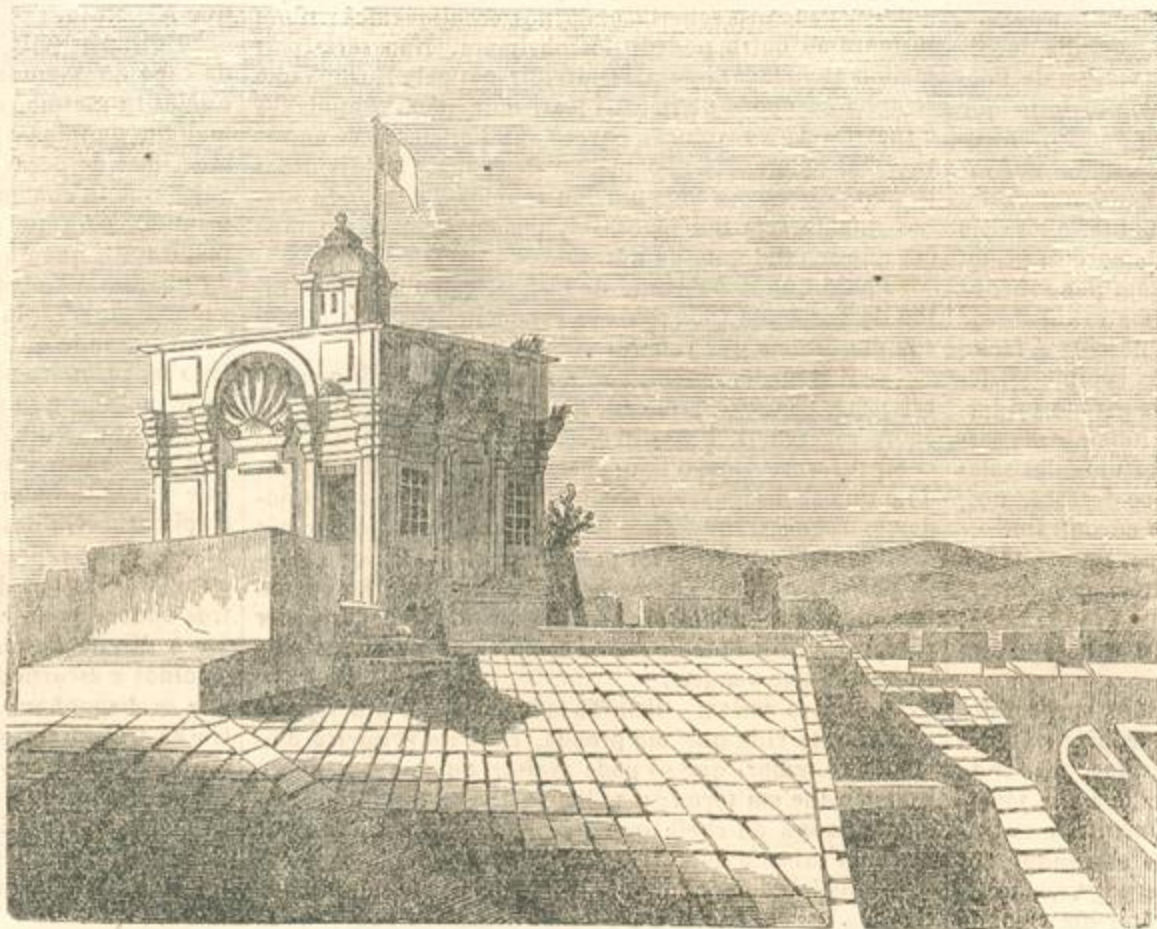
Cercada de magnificas quintas e pomares, dominada pelas serras d'Arabida e Palmella, e beijada pelo Sado, a villa de Setubal, que é uma das mais importantes de Portugal, está edificada em um sitio ameno e delicioso.

Sendo como que a chave da provincia do Alemtejo, e achando-se a pouca distancia da capital, o seu commercio com esta é consideravel.

O porto de Setubal é excellente, e muito frequentado pelos navios de todas as nações, que ali vem carregar de fructas, vinho, e sal, em que abunda, que é o principal genero do seu commercio, e cuja superior qualidade ninguem contesta.

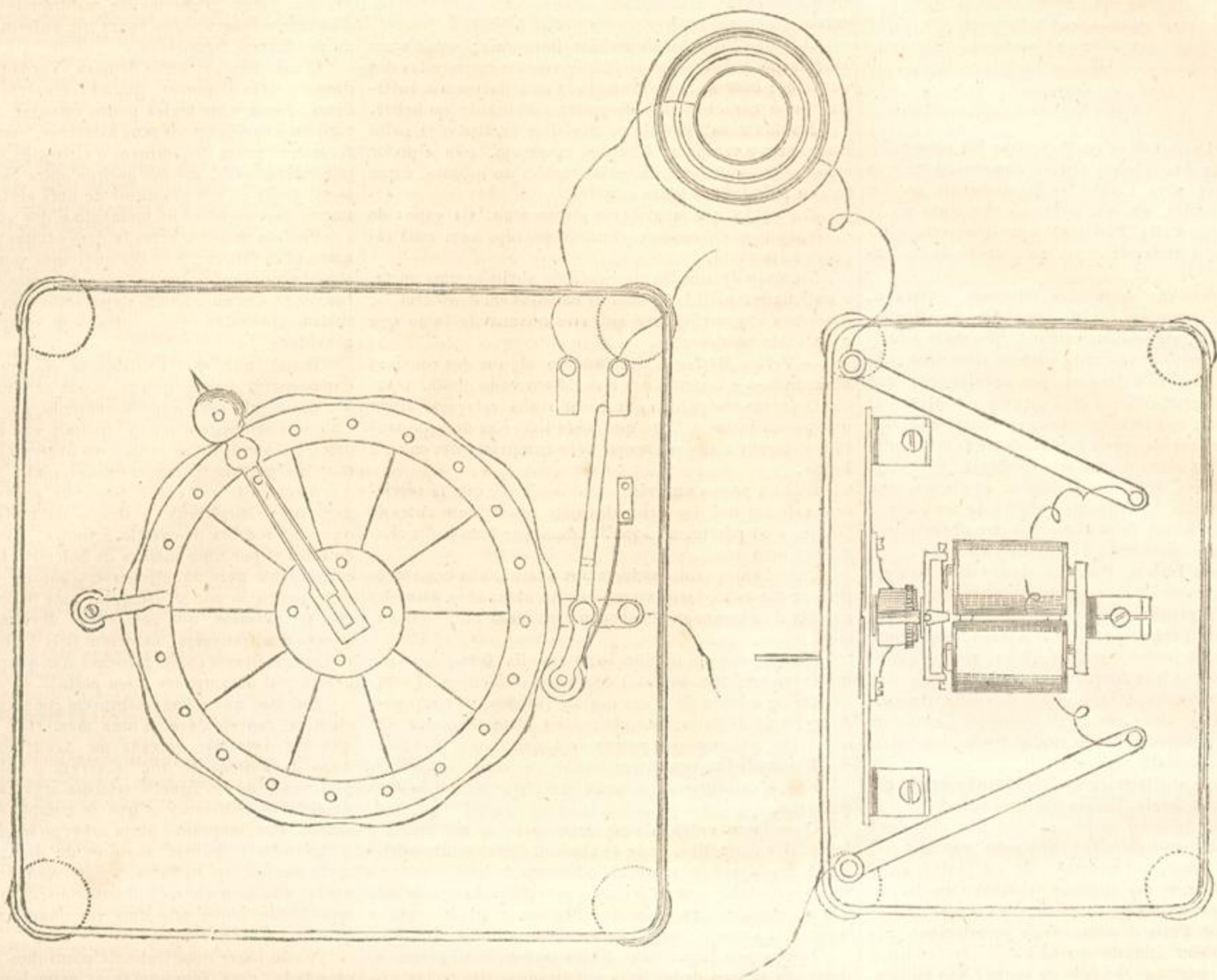
Pela falta de estatisticas regulares, não conhecemos o estado exacto em que se acha actualmente a sua exportação; mas em alguns annos anteriores subiu a cento e vinte mil e tantos moios o sal exportado de Setubal.

A barra de Setubal, que é bastante perigosa, defende-a a Torre de Outão, e o castello de S. Philippe, representado no nosso desenho.

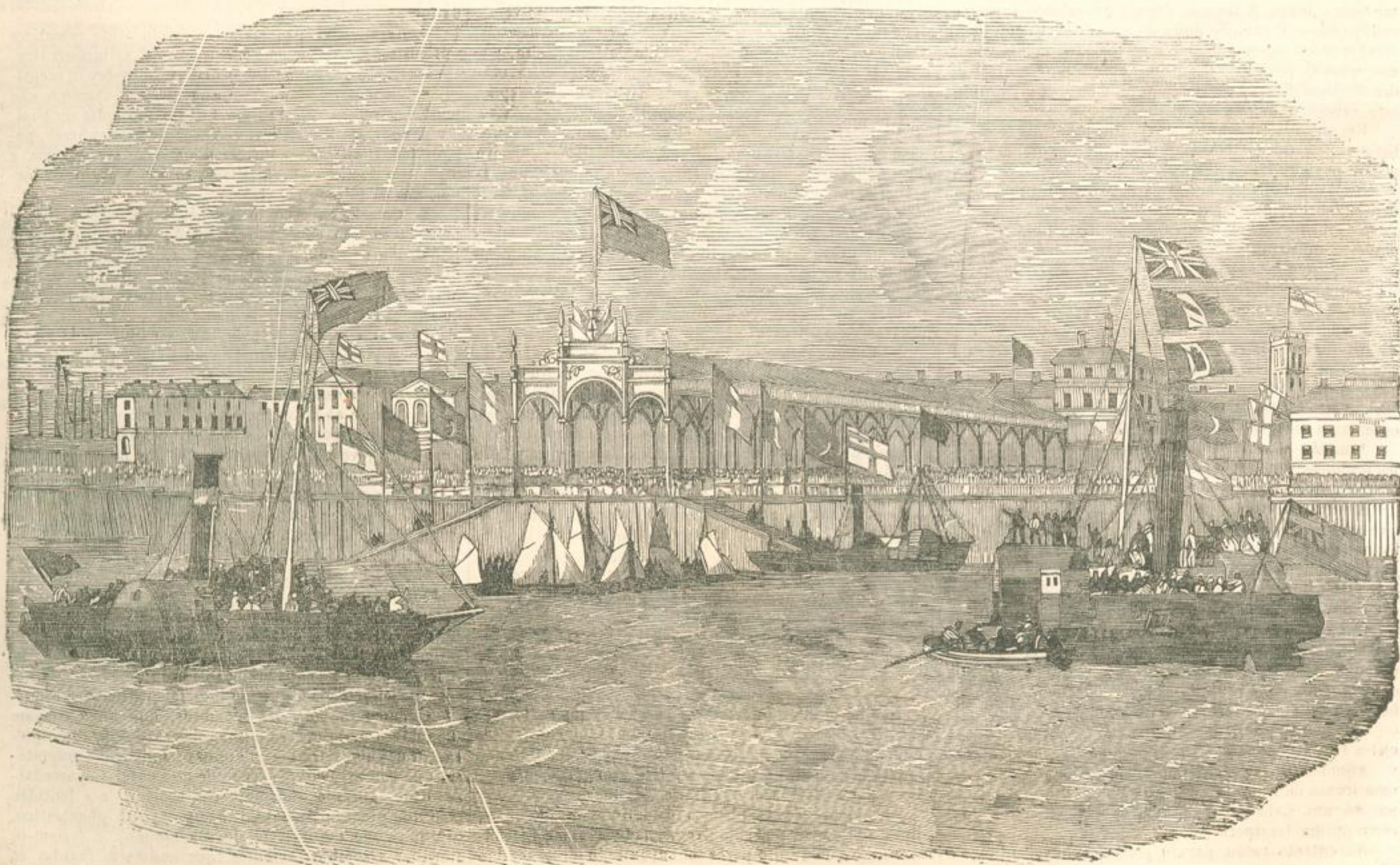


Casa do governador do forte de S. Luzia, em Elvas.





Telegrapho electrico de mr. Breguet, (Vide o num. 30).



Recepção do coronel Lake.



## POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação.

## III

## A ORGIA.

Em quanto Luiza esteve em Pedroços fui vê-la todos os dias. Em uma das minhas visitas annunciou-me que voltava em breve para Lisboa. Effectivamente no fim d'uma semana, unica, em que apenas a vira duas vezes, recebi um bilhete d'ella. Participava-me que partia n'essa mesma tarde, e dizia-me a rua e o numero da sua habitação.

Luiza inspirava-me verdadeiro interesse. Comtudo, fallando-te com franqueza, existia tambem, na affeição, que sentia por ella, alguma curiosidade. Não era só aquelle interesse que inspira um amigo; havia além d'isto não sei o que de admiração e desgosto por aquelle ente, que era um mixto incomprehensível d'alegria e tristeza, de expansões jocosas, aparentemente exageradas, e de melancolicas apprehensões, que a tornavam ainda mais enigmatica mesmo aos olhos de quem a conhecia.

O verão acabava. Esta circumstancia, as obrigações a que não podia faltar, e o desejo ardente de conhecer o passado de Luiza foram os motivos que me obrigaram a voltar para Lisboa mais cedo do que costumava.

Vim pois para Lisboa. Passados alguns dias fui a casa de Luiza. Encontrei-a ao tocador, acompanhada do cabelleiro que a penteava, e da criada de quarto, que ao menor signal corria logo a prevenir a vontade de sua ama.

— Dou hoje um jantar, me disse Luiza, apenas entrei a alguns cavalheiros que frequentam a minha casa. São dos que se dizem meus amigos, continuou ella, deixando perpassar pelos labios um sorriso ironico. Conto com a sua presença, Eduardo, não o confundindo com elles, e se o não incomodar.

Entretanto, o cabelleiro e a criada tinham cada um concluído já a sua tarefa. Estavamos pois sós.

— Luiza, lhe disse eu então, porque não abandona essa vida agitada em que vive? Não sabe que não tira proveito d'ella? Hoje, por exemplo, dá um jantar; amanhã tem um camarote em qualquer theatro; no dia seguinte vai passear ao campo... Não a enfastia tanto divertimento? Apesar d'esta diversidade de passatempos, não sente um desprazer infinito quando conversa consigo mesmo? Mas... para que lhe fallo eu assim? Não me lembra de que pensa d'este mesmo modo.

Luiza, prosegui eu, olhe que não era uma arguição que lhe queria fazer.

Ao ouvir estas palavras tornou-se-lhe o rosto d'uma pallidez assustadora. As rosas das faces tinham-se-lhe desbotado completamente.

Inquieto corri para ella estendendo-lhe os braços.

— Não é nada, Eduardo, me disse ella, afastando-me com o braço. E fazendo depois um esforço supremo, continuou: — É que não gosto d'ouvir fallar assim. Como sempre estou acompanhada, e nunca vivo comigo mesmo, quando por acaso me lembra que a minha vida podia ser bem diversa d'aquella que tenho, sinto tonturas pela cabeça.

Em seguida, dando uma gargalhada stridente e prolongada, estendeu a mão para o cordão da campainha, e puxou por elle tres vezes.

A criada d'ahi a pouco appareceu, tendo perguntado previamente se podia entrar.

— Traze cognac e charutos, lhe disse Luiza; e voltando-se em seguida para mim, continuou:

— Eduardo, venha das quatro para as cinco horas. Não falte, que quero apresentar a essa gente que ahi vem aquelle que me salvou da morte.

E apertando-me a mão indicou-me a saída.

As quatro e meia estava de novo em casa de Luiza. Em uma das salas onde me introduziram, e que se achava magnificamente mobilada, encontrei varias pessoas, e entre estas algumas cuja classe logo supuz, que esperavam por Luiza, que ainda não apparecera.

A minha entrada excitou a attenção de todos aquelles senhores. Começaram a conversar, e, segundo me pareceu, a meu respeito.

Achava-me contrafeito no meio d'aquella sociedade, que me era completamente estranha. Entretanto para affectar tranquillidade d'espírito, e uso de boa roda, atirei-me indolentemente para cima d'uma cadeira á Voltaire, que estava junto ao fôgão, e abri um livro do qual nem sequer li meia linha.

Luiza não se fez esperar. Vinha acompanhada por um homem, a quem me apresentou, e a quem davam o nome de Almeida. Ao entrar deu um beijo em cada uma das suas amigas, e dirigindo-se a mim apresentou-me tambem aos convidados como o seu salvador.

— Todos me felicitaram, por ter tido ensejo de ser util a Luiza, louvando a minha coragem e pericia.

Aquelles complimentos, porém, pareceram-me mais uma ironia do que a admiração sincera pelo meu comportamento. Calei-me, comtudo, para não dar a conhecer a minha desesperação.

No entanto tocou para o jantar. Offereci o braço a Luiza, e dirigimo-nos para uma espaçosa sala no meio da qual estava posta a mesa.

Luiza destinou-me um logar ao pé de si. O sr. Almeida, por justos direitos, ficou ao lado esquerdo d'ella. Os outros convivas tomaram assento como bem lhes pareceu.

O jantar começou na melhor harmonia; umas vezes amenizado pelos ditos pretenciosamente engraçados dos convivas; outras, acompanhado d'aquella vozeria infernal que é característica da pouca sobriedade no beber.

A sobremesa, quando os espiritos excitados já pelas frequentes e repetidas libações esvoaçam, com a maior semceremonia do mundo, pelas regiões do infinito, é que se deu pela falta d'outro conviva.

Foi então que a gritaria augmentou. Os copos de champagne enchiam-se e eram despejados com uma rapidez admiravel.

No meio de semelhante confusão abriu-se uma porta, e uma figura pallida, e com os cabellos em desordem, se desenhou vagamente por entre as nuvens de fumo que exhalavam os charutos.

— Viva o Barbosa, exclamaram alguns dos convivas abraçando-o e fazendo um circulo em volta d'elle.

O recém-chegado, com quem tinha relações, ainda que pouco intimas, logo que pôde livrar-se dos que tanto festejaram a sua presença, veio cumprimentar-me e a Luiza.

D'ahi a pouco um criado, annunciando que ia servir-se o café em um dos gabinetes onde estiveramos antes de jantar, veio pôr termo áquella scena que bem podia chamar-se uma orgia.

Luiza, em quanto estiveramos á mesa, não cessara de prestar-me as maiores attentões. Ao abrir-se a primeira garrafa de champagne encheu o meu copo antes dos outros.

Esta especie de distincção, e aquella franqueza que me dava a amizade sincera, que reinava entre mim e Luiza, excitaram a attenção d'um dos convidados, que, chegando-se ao pé de mim, me perguntou se tambem era dos que tinha pretensões á pessoa de Luiza.

Respondi-lhe negativamente.

Não é estranhavel o modo com que escutei as suas palavras.

Quando se entra n'estas casas onde se mercadeja a honra das donzellas, onde se vendem esses carinhos ficticios e fingidamente sentidos, o homem de bem, para não ser escarnecido, tem de fechar o coração á chave e de deixar a vergonha fora da porta. Paga-se o insulto com a injuria, o gracejo com o sarcasmo.

Fomos pois tomar café. Luiza sentou-se ao piano, e, correndo os seus dedos finos e delicados pelas teclas, começou a tocar o ultimo pensamento de Weber.

Ao vê-la assim, n'aquella posição, um pouco curvada, com as faces incendidas pelo entusiasmo e pelo excesso com que bebera, a imaginação perdia-se em uma infinidade de conjecturas cada qual mais atormentadora.

Havia não sei que de angelico e candido na graça infantil com que movia os dedos. Dir-se hia que Deus formara aquelle corpo para abrigar uma alma pura e livre d'essa macula eterna, que pesa sobre quem se vende uma vez.

Sentei-me em um sophá defronte de Luiza. Era, porém, tal a influencia que exercia em mim aquella mulher, que só dei pela presença de Barbosa muito depois de elle se chegar para ao pé de mim.

Para fazeres idéa d'este novo personagem, vou descrever-o em breves mas exactos termos. Barbosa era novo ainda. De caracter jovial e critico inflexivel, d'esses typos irrisorios em que tanto abunda a nossa Lisboa, Barbosa possuia na phrase aquella correcção que dá o estudo, e na descripção das victimas sobre que tipudava a graça natural e amena, que prendia sempre a attenção de quem o escutava. Finalmente, Barbosa era bom rapaz, um dos raros moços a quem o talento não deslumbrava, como ha por esse mundo tantos, a ponto de se julgarem semi-deuses.

— Então como estás tu, meu Eduardo? me disse elle chegando-se para mim. Que tens? Parece que estás triste. Dar-se-ha acaso que estejas apaixonado por Luiza? Ora adeus! isso é impossivel, não o creio. Talvez estivesse analysando estas carinhas, que se vêm por aqui. Cada uma d'ellas resume uma historia interessante, que te faria rir se quizesse ouvir-a. E apontando para um homem que estava sentado junto d'uma janella conversando com varias senhoras: — Vês aquelle? proseguiu Barbosa. Oh! a sua vida é curiosissima.

Continua.

M. L. COELHO DE MAGALHÃES.

## UMA NOITE DE SERVIÇO.

## I

Não ha muito que eu fazia serviço n'um posto medico, encarregado pelo conselho de saude de gritar alerta ao vê-la, e tomal-a por contrabando, quando não trouxesse os passaportes legais. Era alta noite, e noite escura por signal, sem estrella, e sem luar.

A cholera n'esses ultimos dias tinha picado mais, phrase adoptada, por cuja propriedade não me responsabilizo, e que repito por a ter encontrado n'este sentido em documento official d'alto cothurno. E os que fazeres, que não eram poucos, de repetidos, enfadavam,

Acabava de recolher, na esperança enganadora d'um repouso prohibido, quando uma requisição urgente me obrigou, mau grado meu e maldizendo a minha vida, a acudir a longes sitios, para um enfermo, que, segundo me diziam, agonizava.

O caso não permittia demora. Verdade é que todos os doentes estão a morrer, quando recorrem aos postos medicos; e com uma logica pouco razoavel, em vez de se dirigirem á igreja ou aos seus soccorros, vem ter com o *confortativo* (assim denominam o cirurgião.) que se curasse por informações, mesmo porque outra cura seria impossivel, dever-se-hia premunir de uma certidão de obito e nunca dos remedios de momento e dos auxilios da arte.

Piedosa mentira armada para excitar uma solicitude, que nunca fallece! Não lhe queremos por isso mal, e é sempre com prazer que nos reconhecemos illudidos, e que em vez de um moribundo deparamos com um doente, assustado apenas ás vezes, outras sem symptoma algum de gravidade.

Tratei, pois que a distancia era grande, de mandar preparar a sege, que me devia conduzir ao logar indicado, e subi para aquelle vehiculo, não sem o justo receio que sempre me assiste, quando vou invadir os trens officiaes, mesquinhos como uma portaria e acanhados como uma postura da camara municipal.

Aquelle de que então dispunha podia parodiar, em paraphrase duplicada, o trecho da ballada allemã em que uma sombra de cavallo é limpa, com uma sombra de escova, por uma sombra de boleceiro. De todas a mais conveniente para aquelle serviço conseguia-se sabe Deus com que custo pôr-se prompta; mas bulir, era o mais serio. Os cavallos, que pela idade deviam de ter feito a guerra dos francezes, pareciam fieis á disciplina do Beresford, e firmes como galuchos não queriam nem a bem nem a mal desamparar o seu posto.

Um dia, quando me sobrares conhecimentos de mechanica, apresentarei n'uma memoria, que elaboro, e que me deve dar entrada na Academia, as artimanhas dynamicas de que se servia o boleceiro para impellir movimento áquelle systema organizado, composto de elementos diversos e que se completavam uns pelos outros. Por emquanto basta saber ao leitor, que, a poder de grandes trabalhos, maiores do que os do Hercules mythologico, ou do Samsão mais verdadeiro, se as escripturas não mentem, o boleceiro conseguiu pôr o todo em movimento, e que este uma vez communicado, prolongou-se por largo tempo.

N'este logar uma linha de pontinhos é da maior necessidade, para representar os primeiros momentos da viagem.

## II

O manto ennegrecido do ceo era retalhado em diversos logares pelas cintas avermelhadas dos relampagos; e o ribombo longinquo do trovão annunciava o aproximar da tempestade afastada.

Lady Radcliff poderia ter escripto vinte romances tetricos sobre este thema, e o visconde d'Arincourt tiraria assumpto para uma larga dissertação sobre os scepticos e democratas, gentinha a que o bom do visconde não perdoava, e que sempre zurzia, quando lhe podia ser bom.

A nudez caracteristica, que precede o amanhecer, parecia ter sepultado a natureza n'um largo sarcophago, e o silencio dominava omnipotente sobre os prainos adormecidos da solidão em trevas!

De quando em quando o rouco bradar de sentinella perdida cortava sómente este estado de entorpecimento lethal, e a sua voz cava e temerosa, repercutindo-se, e quebrando-se de fragedo em fragedo, vinha ecoar, amortecida, ao ouvido attento do viajante, que aspirava ao ruido, e que anhelava pelo motim.

Parecia a esculca da vida, que no liminar da morte solta os arrancos derradeiros ao perpassar a porta da eternidade. Parecia o estrebuchar afflicto do lampadario funebre sobre a campa co que é fallecido, ao romper da madrugada, e ao faltar lhe o azeite. Parecia o ultimo suspiro do moribundo, ou o gemido pesaroso do agiota, quando o governo faz lancarota, ou lhe fallece devedor falta de recursos.

Ultima e necessaria linha de pontinhos para dar tempo ao leitor de se horrorisar, saboreando o *gosto amargo dos similes*, que muito de proposito lhe apresento.

E a sege corria.... (não! Força alguma de rhetorica pode obrigar a correr uma sege do conselho de saude)... arrastava-se pela estrada fora. Os cavallos fitavam as orelhas atemorizados, e inteiriçavam as pernas. O boleceiro praguejava horripelmente, porque receava que os animaes, como brutos que eram, se a erudição me não falha, fossem beijar a mãe, que tão impiamente pisavam.

O desconjuntado dos membros, que phantasiavam uma dança macabra; as faiscas electricas, que lhe espiravam das aguçadas e fitas orelhas; a distancia respeitosa, que conservavam da sege, de que pareciam arredar-se; o desnaturado phaetonte charontiano, e a lentidão com que proseguiam davam-lhe um aspecto phantastico, (a que se não esquivavam de dia mesmo), e faziam-os similhar a sombras errantes, que andassem fugidas ao averno. A lenteza do caminhar podia tambem illudir os mais espertos, e em vista d'aquelle vaivem morredoiro,



suppor-se-hia antes que a morte e não a cura levavam á humanidade enferma.

Talvez tivessem razão, oigo eu já repetir espiritualmente a algum leitor, que de ha pouco lido nos epigrammas de Bocage, se recorda do que elle disse da medicina. Adiante; o leitor que suspenda o seu juizo.

III

Visões estranhas me povoavam a estrada. Aves sinistras esvoaçavam em torno do vehiculo, soltando pios stridentes, e um cão arredio uivava a bom uivar. Nada faltava para agoiro ruim. Se não havia sal nem azeite entornado, era que as lanternas não tinham este ultimo; e por que tanta escacez havia do primeiro, que não podemos agora mesmo encontral-o para tornar este conto mais appetitoso.

Estava chegado ao fim da viagem. Uma porta se escancarava diante de mim, patenteando um quadro, que me demorei a considerar.

Era uma casa terrea e humida. Pelo tecto desconjuntado espreitava o ceo e entrava bisbilhoteando a claridade dos relampagos. A um canto ao calor de uns tições havia uma panella ennegrecida pelo fumo e pendente de um gancho de uma trave.

A outro canto, sobre uma esteira e coberta com uma mantilha esfarrapada, uma joven de extraordinaria belleza agonizava, apagando-se-lhe convulsivamente a existencia, como a chamma de uma vela, com irregularidade de clarão, e estremecimento de luz.

Acocorada diante do lumé, uma velha octogenaria, de cabellos desgrenhados, e cara tostada e ennegrecida pelo sol, proferia palavras sem nexo e esguardava certa mistura, que fervia na panella.

Os cabellos em madeixas alvas, e as sobranceiras alvas tambem, destacavam-lhe sobre o fundo escuro do rosto e davam-lhe um aspecto especial. Parecia um pedaço de lenha queimada, com laivos de tinta branca em cima, que em certas lojas se costuma pendurar á porta, indicando a venda autinômica e antagonistica de carvão e cal.

O fato, ou antes os farrapos que a cobriam, estava de accordo com o desregrado e extravagante das feições. Se Walter Scott não tivesse morto a sua Meg, supporia de certo, que era ella que me apparecia n'aquella caverna, a que não chamarei de Caco, para não quebrar a cabeça aos leitores com citações safadas de mythologia de ouvido.

E d'ahi quem sabe?! Walter Scott era romancista, e eu não creio muito n'esta gente. Tambem depois de morta, esta mesma Meg ameaçava matar-nos de semsaboria subindo ás taboas do theatro normal, se medidas previdentes a não obrigassem a morrer segunda vez no cadoz d'aquelles archivos. Como Protheu, estas personagens do romance não morrem senão á traição; mudam de forma, mas continuam vivendo mais longa vida do que o bibli-co Mathusalem.

Fosse ou não fosse, a tal bruxa não estava só. Proximo a ella, um homem, ou o que quer que era de barbas ruivas e oculos, estava de pé fitando os olhos complacientemente em vidrinhos, que se viam perto, com ingredientes de variados aspectos. Suppuz que estava pensando. Tonto, que eu era! Fingia, e nada mais; se pensasse não se arrojaría de certo aos commettimentos em que de ordinario se empenhava.

Parecia-me um magico terrivel, como se costumam ver... nas pantomimas de D. José Serrate. Mas desgraçadamente faltava-lhe o barrete pontegudo, tinha-o substituido por um chapeo redondo!

Maldita moda! Estragaste-me um magico, que me ficava tanta á mão, e que tanta conta me fazia. Era impossivel idealisar uma figura por mais magica, que o fosse, com um toucado similhante.

Ah! que se homens d'aquella tempera comprehendessem o valor do scenario!!.. Um barrete pontegudo ficar-lhe-hia a matar, um chapeo do Charles ou Sotero, confundia-o com toda a gente.

Entre dentes a velha rosnava uma especie de ladainha, de que pude aperceber alguns versos e cujo transumpto vou dar aos meus leitores. São-me precisos para a cór local, e mesmo porque não ha feiticeira que presete, sem versos... feiticeiros.

Diziam assim.

Acudi drogas bemquistas,  
Vinde em chusma vinde aqui  
De gallos duzias de cristas,  
Outras muitas nunca vistas  
Outras muitas, que já vi.

Camphora em pó, sedativas  
Aguas muitas acudi,  
Aguas d'ostras, pés de rã,  
Pimenta, cravo, albarrã  
Cebola não te esqueci.

Xaropes mil, elixires,  
De ervas sãs que já colhi  
D'alcatrão uma barriça  
Aloes fino, fava rica,  
E essencia de elemi.

Suppuz ter diante de mim uma doida de Rilhafolles, ou uma corista de S. Carlos ataviada para representar no Macbeth. Mas para isto era bella e nova em demasia; só a primeira hypothese podia ter logar. Depondo quaesquer considerações ou receios, ia encaminhar-me para a doente, quando o magico, que dos vidros tinha voltado os olhos para a panella, fez um signal com a cabeça. A velha obedecendo vasou o que estava dentro n'um frasco, que tinha proximo.

Caiu-me o castello phantastico, que tinha formado. Era um elixir de Raspail! Em vez de congresso infernal tinha caido n'um synedrio raspalhista. Nada tinha que fazer, era trabalho perdido, e perdida estava a doente. Tratei de voltar as costas ao templo d'aquella sciencia infusa, e de recolher á sege protectora. Nada tinha que receiar, a bandeira amarella do conselho de saude cobria-me de qualquer insulto.

IV.

— Fui eu quem te foi chamar, acode-me que querem dar cabo de mim.

— A senhora como pôde? N'esse estado! Disse á rapariga agonizante, que se tinha levantado ao ver-me sair e que me agarrara, quando me mettia na sege.

Estava realmente bella, mas a belleza era especial. Os olhos chamejavam-lhe como lampadas, nas orbitas, e destacavam sobre a pallidez mortuaria das faces. Os cabellos negros como azeviche, espalhados pelas costas, encaixilhavam-lhe o rosto, e o corpo flexivel e elastico oscilava á feição do vento. Parecia-se... consigo; porque por mais que incomode as visões de Byron, as virgens de Raphael, ou as creações d'Ossian, nenhuma outra comparação encontro mais apropriada para o meu caso.

Respondeu-me, baixando a voz:

— Apanhei-os entretidos e fugi-lhe. Camphora, camphora, e mais camphora!.. Não me davam outra coisa!.. Mudaram-me o rosto, que era corado, pela camphora, que é branca... Toda eu já não sou senão camphora. E vou morrer. Porque esta luz dos meus olhos é a chamma d'essa maldita substancia, que se começou a inflamar, e que em breve se hade propagar ao resto que tambem hade arder. Salva-me, salva-me, quero agua. Apaga-me os olhos, que me ardem!

Era uma victima, a quem o abuso d'este medicamento tinha enlouquecido. N'aquellas alturas não sabia que fazer! Tudo porém, menos deixar uma desgraçada e tão bella, n'aquelle estado. Ia para entrar quando me deteve.

— Suspende, rir-se-hiam de ti e agarrar-me-hiam outra vez. Nada tens que fazer, acompanha-me, o remedio sei eu onde elle está.

Agora era pouco propria, e o guia pouco seguro. Aventurei-me ainda assim. Era uma mulher nova e bonita. Até onde não irão os homens atraz de uma mulher!

Poucos passos tinhamos andado, quando parou. Vamos muito devagar assim, me disse, espera-me, que em breve desencanto um meio de viajarmos mais rapidamente.

Voltou á casa d'onde tinha saído e acompanhei-a por curiosidade. Os dois estavam ainda extaticos diante do beatifico frasco, e pareciam-me dois ceraferarios de egreja, quando passam o thurybulo ás mesuras e cortesias. Não deram pela chegada da joven, que pouco depois me tornou com um objecto, sobre o qual me convidou a escarranchar-me, seguindo o seu exemplo.

Era uma vassoura. Não tinha que duvidar, havia bruxaria por força. Mas tinha lançado o dado, resignei-me e pst...

Assim devia viajar o balão de madame Bertrand Senge, ou a passarola do padre Bartholomeu. Segundo dizem, tambem assim o devem ser lá fora os wagons das locomotivas. Eu por mim, que só andei meio quarto de legua n'um, que em Sacavem servia para remover terra, encontrei-lhe uma velocidade de carro de bois.

O que é verdade, é que o vento zunia-me ás orelhas e devoravamos o espaço. Sentí a embriaguez da velocidade, e senti então quanto precisava ter um cavallo meu.

— Eis-nos chegados, me disse. E baixámos a um cemiterio.

A noite continuava negra e procellosa.

Ao clarão incerto de luzinhas phosphorecentes, alvejavam aqui e ali lapides funerarias, como dentes de lobos ao relusir-lhes dos olhos em pinhal deserto. Os dentes, que não sei se me brilhavam tambem, batiam-me de encontro uns aos outros, e do intimo d'alma maldizia o agorentado quartinho diario que o conselho de saude me daria, e que em taes apertos me punha.

— É aqui a sepultura de meu pae, me disse, apontando para uma porção de terra remexida de fresco.

— Estimo muito, lhe respondi, que tenho eu com isso. Não conheci o senhor seu pae em vida, e não desejava travar relações com elle depois de morto.

— Espera e verás!

E eis começa a dançar uma polka desvañrada sobre a terra da cova.

A medida que seguia a dança, a carne ia-se-lhe despegando dos ossos e ia-me apparecendo reduzida a formas esqueleticas. A cara porém conservava-se no mesmo estado, com os olhos a alvejarem-lhe e os cabellos desgrenhados.

E eu encommendando-me mentalmente a todos os

santos do ceo, e a profissão a todos os diabos do inferno, queria-me despegar d'ali, mas não podia; achava-me mais collado do que certos priores, que apesar de similhante nome, não o ficaram sendo por causa das revoluções e reformas politicas.

— Maldito raspalhista, nem aqui me deixas! Não estás satisfeito ainda? Prasa a Deus, que as tuas aguas sedativas te afoguem, que te queimem as chammas das tuas camphoras, ou que tenhas as carnes laceradas pelas cascas das ostras das tuas aguas malditas! Eu te esconjuro, malvado. Respeita os mortos já que aos vivos não attendes.

Era uma voz que partia do fundo da cova. E eu ao ouvir-a, e ao lembrar-me de quantas recriminações identicas poderia no futuro ser victima, entreguei de boa mente o futuro ao demo e a clinica aos meus collegas. Aquelle exemplo bastava-me.

— Socegue, meu pae, sou eu. É a filha da sua alma, a carne da sua carne, que se vem sepultar com a sua, cuja é. (tinha lido de certo algumas obras classicas) e que vem perguntar-lhe tambem se a hora já chegou e se deve partir para a ultima viagem.

— Embora venhas, filha, mas não para debaixo da terra, onde está muito frio! Recebe a tua carne, que de sobra tenho para dar a estes vermes, que apesar da camphora que comigo trazia não pude afugentar ainda.

A herva da meia noite curar-te-ha de teus males. O estranho que a procure, e de dez folhas que lhe arrancar te esfregue com as tres maiores até ao cantar do gallo. Bem tarde é já, e o somno da morte me torna a chamar. Estimei ouvir-te, minha filha; mas agora retira-te, que as massadas estão prohibidas.

Travando-me da mão, levou-me a doente consigo até proximo de uma planta, que mais longe se via.

Mal a sepultura acabara de fallar, tinham os pedaços todos das carnes, que lhe haviam caído, saltado a seus logares, com a velocidade de marinheiros praticos ao apito do contramestre.

Começava o processo indicado, e á medida que proseguia via reaparecerem-lhe as côres, e os olhos reasumirem o brilho normal; os cabellos, espalhados e em desordem, iam-se-lhe compondo tambem, e a donzella, que ha pouco parecia fugida da sepultura, apparentava agora bellezas de encantar.

De repente o esganiçar longinquo de gallo madrugador veio-me perturbar no exercicio das minhas funções.

O maldito tinha adiantado o relajo: ainda não eram horas competentes. A donzella escorregou-se-me de entre as mãos, e perdeu-se no ar como o fumo de um detestavel charuto do contracto que levava aceso.

E eu desesperado ali fiquei maldizendo a minha vida, e procurando debalde chamar a gentil visão, que se evaacia no horisonte . . . . .

V

— Olá, senhor doutor, eis-nos chegados. Era o boleeiro que me acordava, e que ignorando as distincções de classes me favorecera com um titulo privativo dos filhos da universidade.

O peneirar da sege tinha-me produzido o effeito do embalo de um berço. Tinha adormecido deveras, e, com a cabeça pelos ares, tinha viajado pelo paiz dos sonhos.

Estava a um quarto de legua do posto medico e tinha gasto só duas horas. Perguntei-me, em vista d'esta rapidez official, para que queriam abrir caminhos de ferro. As seges do conselho são de sobra.

O mais é um pleonasma locomotor.

Agosto 4 de 1856.

R. PAGANINO.

CASA DO GOVERNADOR DO FORTE DE SANTA LUZIA, EM ELVAS.

Já no numero 10 d'este jornal tivemos occasião de fallar d'Elvas, e nada temos a acrescentar á descripção que então fizemos.

Apresentando agora o desenho da casa em que reside o governador do forte de S. Luzia, diremos só duas palavras a respeito d'este.

O forte de S. Luzia, cujas casernas e armazens são á prova de granada, comprehende quatro baluartes—o de S. Antonio, S. Isabel, S. Pedro, e Nossa Senhora da Conceição.

No reducto principal tem duas cisternas que podem prover completamente d'agua toda a guarnição, que deve ser de trezentos a trezentos e cincoenta homens.

Edificado proximo da praça, pode a guarnição ser rendida com frequencia, tornando d'este modo a resistencia mais facil e tenaz.

Mathias d'Albuquerque, general portuguez, foi o primeiro que, reconhecendo a bondade e importancia de tal posição, mandou segural-a, em 1641, com um revelim, e ordenou mais algumas obras com o mesmo intuito.

A respeito da casa do governador do forte, só faremos notar a elegancia e formosura de tal edificio, e o bom gosto que presidiu á sua construcção.



## N'UM ALBUM.

Houve um tempo em que a luz das estrellas  
Reflectindo nas ondas do mar,  
Em que o doce murmúrio da aragem,  
E os reflexos da luz do luar;

Essa vaga e saudosa poesia  
Que respira do campo e da flor,  
A minha' lma infantil enleava  
Em phantasticos sonhos de amor!

Amor puro, innocente, encantado,  
Que a esperança inundava de luz!  
Passageira illusão da existencia,  
Que um instante sómente reluz.

Era então que vestida de branco,  
Involvida n'um mystico veu,  
Vinha aquella ficção encantada  
Como um anjo descido do ceo;

Horas largas sentar-se a meu lado,  
E depois ao reflexo da lua,  
Inclinar-se em meu braço, e corando  
Proferir-me mansinho —sou tua.

E eu perdido de amor n'esse instante,  
Dava graças da vida ao Senhor;  
Porque a vida era um iris brilhante  
De poesia, ventura e amor!

Hoje a luz das estrellas, e a brisa  
Que no bosque mansinho murmura,  
Só me trazem ao peito a saudade  
D'esses tempos de tanta ventura!

Hoje posso na lingua dos homens  
Traduzir o que d'antes sentia,  
Mas em paga de balde procuro  
Na minha alma essa doce poesia!

Desbotado, e já pallido é quanto  
Ante mim apresenta a razão.  
Hoje penso, medito e descreio;  
Hoje tudo é fugaz illusão.

Setembro de 1852.

BULHÃO PATO.

## CHRONICA SEMANAL.

Lisboa transformou-se esta semana: da monotonia em que vivia, passou a um estado de agitação devéras surprehendente.

Se fossemos supersticiosos, diríamos que *coisa má* entrou n'ella e se apoderou d'uma pequena porção — e bem pequena — dos seus habitantes, desvairando-os e obrigando-os a commetter toda a casta de loucura; se fossemos desconfiados, affirmariamos que algum bisoiro negro lhes zumbiu aos ouvidos, transtornando-lhes as cabeças — sem risco para a sua, porque voando para alto, de lá contemplava seguro e impune o resultado da sua obra; se fossemos indiscretos emmittiriamos sinceramente a nossa opinião, sem nos esquivarmos a alguns commentarios indispensaveis; mas a indole e natureza do jornal em que escrevemos, prohibe-nos inteiramente estes desafogos.

E como afinal não somos nada do que deixamos dito, o nosso mester de chronista só nos permite contar singelamente os acontecimentos que presenciamos.

Eil-os aqui.

Varios grupos tinham já percorrido a cidade, na sexta feira da semana passada — dia aziago — protestando contra a carestia do pão e dando gritos de — viva D. Pedro v e abaixo os monopolistas. —

Dirigiram-se primeiro ao quartel do segundo regimento de infantaria, victoriando-o, e pedindo simultaneamente o pão barato.

Em seguida encaminharam-se para a companhia da municipal que estaciona nos Paulistas repetindo as mesmas vozerias.

Perto da meia noite, este grupo, consideravelmente augmentado, estabeleceu-se na praça do Rocio, onde houve um pequeno conflicto entre paisanos, os mesmos gritos, dando vivas ao governo e soltando brados e imprecações contra os que chamava monopolistas.

Appareceu o sr. major da guarda municipal e logo depois o sr. barão de Francos, vindo uma pequena força de infantaria municipal collocar-se na calçada do Carmo, sem se mesclar com os grupos,

Da parte do sr. barão de Francos e do seu segundo commandante houve toda a moderação, buscando serenar o tumulto sem usar de força e empregando palavras conciliadoras.

A exaltação dos amotinados não lhes deixou aceitar os conselhos mais acertados, e ás duas horas da noite, o grupo alborotado foi occupar a rua Formosa, onde parece que os excitadores o conduziram tumultuando e vociferando contra um abastado proprietario e negociante de farinhas, o sr. José Maria Eugenio d'Almeida, que mora n'aquella rua. D'algumas pedradas lançadas contra o pa-

lacio, resultou partirem-lhe os vidros d'algumas janelas, e não foi geral a destruição *vidratica*, porque um piquete de cavallaria municipal que ali acudiu a evitou, dissipando o ajuntamento sem causar a menor desgraça.

No sabbado conservou-se tudo tranquillo.

Renovaram-se porém no domingo os conflictos tornan-se mais graves. Os arruadores passaram da vozeria á ameaça, e da ameaça á aggressão. Escolheram para victimas expiatorias os padeiros, assaltando-lhes as lojas e obrigando uns a venderem-lhe o pão a trinta réis, roubando outros, e devastando a varios a fazenda. Chegou a ponto de haver alguns maltratados.

Na rua de S. Bento accommetteram a padaria junto ao arco, e o dono, por alcunha o *Palusco*, defendeu-se com denodo e valor, mas afinal teve de succumbir.

Proximo ao Terreiro do Trigo um destemido fabricante d'este mesmo genero alimenticio, descendente talvez ainda da decantada padeira de Aljubarrota, barricando-se dentro do estabelecimento disparou dois tiros pela janela sobre os amotinadores, resolvido a render-se só em ultimo extremo e á custa da propria vida.

Algumas casas de bomba foram arrombadas afim de se lhe apoderarem dos machados.

Ao anoitecer começaram a adoptar-se medidas militares, collocando tropas em diferentes pontos, sendo os principaes Patriarchal Queimada, Terreiro do Paço e Rocio.

N'este ultimo estavam postados lanceiros defronte do vestibulo do theatro de D. Maria II, caçadores 5, dividido em dois pelotões occupava a frente da Praça da Figueira e Arco do Bandeira, e uma companhia da cavallaria da guarda municipal rondava em volta da praça.

O alarido continuava sempre, os grupos engrossavam, os gritos cresciam, a desordem tomava corpo, de forma que os resultados ninguem os podia prever; era portanto urgente e indispensavel tomar uma resolução energica. O sr. conde da Ponte de Santa Maria, fertil n'este campo da discussão — armada, mandou dispersar a população, dando ordem de carregar á cavallaria e lanceiros, que n'um abrir e fechar d'olhos varreram completamente o largo.

Expulsos d'aquelle recinto, os amotinados correram á rua Formosa, e armados de machados derrubaram o portão de ferro do palacio do sr. José Maria Eugenio d'Almeida, e invadindo o pateo, foram collocar á porta principal da casa duas barricadas de alcátrão a que lançaram fogo, e teriam de certo incendiado o edificio se a tropa, que pouco tardou a lá chegar em sua perseguição, lh'o não tivesse impedido.

As manifestações pacificas tinham succedido actos de violencia, e a estas começavam já a insinuar-se actos de vandalismo.

Empregar a força e a energia era uma necessidade: foi o que se fez. Intimaram-se os grupos a recolherem-se para os seus domicilios dentro de uma hora, prevenindo-os de que, no caso de desobediencia, seria empregado todo o rigor.

No fim do prazo marcado as ruas estavam desertas.

Tanto o presidente do conselho dos ministros o sr. marquez de Loulé, como o ministro do reino e governador civil percorreram a cavallo as ruas da capital, buscando com palavras de moderação e sensatos conselhos socegar o animo dos amotinados, fazendo-lhes ver o desacerto de similhante conducta.

Mas os acontecimentos não terminaram ainda aqui, o que nos leva a crer que uma força maior impellia os grupos a taes desatinos. Destruindo os armazens de cereaes não era de certo o meio de fazer baixar o valor do trigo. Da escacez não podia provir a baixa do genero. Essa gente devia logo ver que taes conselhos eram prejudiciaes.

Convencidos como estamos de ha muito, que, n'este mundo ha mais velhacos do que tolos — e que os mesmos tolos são velhacos — não nos capacitamos que seja a carestia do pão a origem dos tumultos.

Basta de considerações, que podemos, como se diz em phrase chã, dar com a lingua nos dentes, e vamos á narração.

Na segunda feira, logo pela manhã, romperam de novo as hostilidades contra os padeiros: foi raro o que escapou. Durou todo o dia a perseguição.

Todavia este estado não podia continuar; a cidade principiava já a encher-se de terror. Todas as lojas fecharam ás tres horas da tarde. Mais dois dias assim, e o commercio mesmo havia de paralyzar-se, aggravando a situação.

Era necessario pôr um termo a estes motins, para evitar consequencias mais funestas. Tinham-se esgotado todos os meios de moderação e só restava o da força. Empregou-se.

De tarde nos mesmos locaes da vespera vieram estabelecer-se diferentes regimentos de infantaria. Cavallaria da municipal e lanceiros estavam espalhados por diferentes sitios.

Para completar o apparato bellico, o general da divisão acompanhado do seu estado maior, á maneira que ia passando revista á tropa estacionada nos sitios designados, terminava as suas instrucções, mandando carregar e escorvar armas. Aquelles papelinhos de diferentes cores rolando por terra despertavam geralmente alguma inquietação.

Ao aproximar da noite deu-se ordem positiva para

dispersar, não consentindo ninguem parado nas avenidas. Mandaram-se fechar os cafés e mais estabelecimentos, obrigando a sair todas as pessoas que lá estavam reunidas, e intimando-as a recolherem-se para suas casas.

Commetteram-se excessos, houveram abusos da força armada, mas n'estas occasiões é impossivel reprimirem-se. Distinguiram-se certos Rhodamontes de encruzilhadas, revelando uma coragem digna do maior elogio.

Pagou muito justo pelo peccador, como acontece quasi sempre. A curiosidade traz consigo estes inconvenientes. A *pasmaceira* d'esta vez custou cara a muitos. Embora: aposto que não lhe perdem a afeição.

Tenham pois paciencia os lesados na contenda e consolem-se em presença do socego e da ordem que só assim se podiam restabelecer.

No fim da semana passada tambem teve logar o beneficio da senhora Joaquina, actriz do theatro do Gymnasio: as comedias a *Lua de fel, Util e Agradavel, o Phantasma, Ha tantas assim, Por causa de um algarismo, e a scena comica As reflexões de um bailarino* compozeram o espectáculo.

O publico tem conhecimento de todas ou da maior parte d'estas peças que figuram desde longa data nos annuncios d'este theatro; seria ocioso entretel-o na analyse d'ellas.

O *Util e Agradavel*, traducção da comedia franceza *Madame Bertrand*, é uma composição chistosa e diríamos que representada com egualdade, se o senhor Izidoro se não avantajara sempre á maior parte dos seus companheiros.

*Ha tantas assim*, traducção do francez, é uma scena que todos os dias se repete mesmo entre nós e escripta com verdade. A donzella louca e leviana que arrisca a sua reputação e futuro com duplos e triplicados amores, e que ao mesmo tempo falla a todos os amantes valendo-se dos angulos e janellas da casa que habita, é um quadro que se repete quasi em todas as ruas de Lisboa, e ao que parece tambem fora d'ella, visto que o original é estranho. Pena é que faltasse alguma coisa á verdade da copia, e que por isso a execução se tornasse enfadonha. Camilla é d'aquellas organizações em que a vida parece não poder conter-se e nada bastar-lhe aos seus desejos; a rapariga namorada, illudindo a mãe que dorme confiada, e os amantes que esperam apaixonados, é sempre dotada d'uma certa intelligencia, verbosidade, audacia, esperteza, e outras mil qualidades que lhe são indispensaveis, e que cumpria fazer revelar. Não aconteceu assim, o que prejudicou o exito da comedia.

ERNESTO BIESTER.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 33.º num. do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. . . . . 480

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. . . . . 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. . . . . 100

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. . . . . 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo autor.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. . . . . 400

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. . . . . 480

RUBIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. . . . . 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º br. . . . . 200

POESIAS de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. . . . . 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. . . . . 480

O HOMEM DE OIRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. . . . . 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. . . . . 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. . . . . 720

No Prelo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.  
COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.  
A TORRE DO CORVO, drama por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.